

Os noventa anos da SPQ

Este número é dedicado às comemorações dos noventa anos da SPQ. O actual Secretário Geral teve a ideia de incluir os nomes de todos os actuais sócios. Será um testemunho para a história. Como nada é eterno, não vale a pena fazer grandes projectos a muito longo prazo. Mas esperamos que haja um futuro radioso para a nossa SPQ. A Química, tal como a Ciência em geral, é um legado extraordinário, fruto do labor de gerações e gerações. Uma herança, que haja pão e bons ares para manter a vida na Terra, todos podemos desfrutar. Mais utópico do que isto será difícil. Um legado que se passa de geração em geração, tal como a sagrada chama. E que necessita de mil cuidados, para continuar a crescer bem. As sociedades como a nossa prestam um serviço de grande utilidade pública. E é no mínimo curioso como a SPQ tenha sido servida por homens e mulheres de todos os sentires e sensilidades, seja no domínio

das convicções sociais e políticas, seja no modo como olham a Ciência. Será porque o que nos faz mover é um objectivo comum, a Química. Será que este sentimento poderia ser transportado para a nossa sociedade, se acaso houvesse um objectivo comum dos nossos compatriotas, a começar pelos políticos? E que esse objectivo fosse o desenvolvimento do nosso amado País? De certo que este não é o local para essa reflexão, mas os Químicos também não vivem fora do que os rodeia. E a Ciência depende de opções políticas. E a aplicação dos ensinamentos da Ciência também. Veja-se o caso paradigmático da co-incineração. Neste número, o nosso entrevistado é o Professor José Artur Martinho Simões, um dos Químicos que mais contribuiu para o desenvolvimento da SPQ neste últimos anos. Nessa entrevista afirmou que a Química como Ciência Central está a ser roubada por outras Ciências. Em princípio só se rouba aquilo que é bom. E como neste

campo se vive para dar, tudo bem. O problema resta no modo como se vai usar o produto do roubo. O problema reside na necessidade de continuar a ter Químicos de raiz, que sirvam a investigação na Química e assegurem o seu ensino. Essa será decerto uma das nossas nobres tarefas. Permitir que continuemos a desenvolver a Química para nos continuarem a roubar.

Neste número há muitos outros motivos de interesse. As habituais secções e uma nova rubrica que se inicia com um excelente texto sobre o Químico Birks. Nos artigos, gostaríamos de salientar a publicação da primeira parte de três textos sobre os bio-ciclos que envolvem os mais importantes elementos. E como é Natal aproveitamos para desejar a todos uma tranquila leitura deste número, e quem sabe dos anteriores, para os quais ainda não tivesse havido tempo. Prometemos que lá irão encontrar alguns motivos de satisfação.

90 ANOS SPQ

A Sociedade Portuguesa de Química aos 90 anos!

A 2 de Dezembro de 1911, o Prof. Doutor António Joaquim Ferreira da Silva (da Faculdade de Ciências do Porto) promove a realização na sala de química (da Faculdade de Ciências de Lisboa) de uma reunião entre professores de química de Lisboa, Coimbra e Porto para lançar as bases duma Sociedade de Química Portuguesa.

Logo a 28 de Dezembro são aprovados os estatutos e a 26 de Janeiro de 1912 tem lugar a sessão inaugural com uma alocução do seu progenitor e presidente perpétuo, Prof. Ferreira da Silva. Esta é a história do nascimento da nossa Sociedade contada por Álvaro de Aguiar que, já em 1905, tinha no Porto acompanhado Ferreira da Silva e José Perei-

ra Salgado na criação da Revista de Química Pura e Aplicada.

Uma alteração estatutária de 1927 transforma a Sociedade de Química Portuguesa em Sociedade Portuguesa de Química e Física, dando o mesmo pé de igualdade à incipiente Secção de Física que estava anexa à Sociedade de Química desde 1917.

Merecem o nosso profundo reconhecimento os químicos portugueses das Escolas Politécnicas de Lisboa e Porto que, no alvorecer da República e da transformação em universidades (logo em Março de 1911), souberam encontrar uma plataforma comum de valorização da química portuguesa. Merecem o nosso reconhecimento aqueles que viveram as difíceis condições de depressão económica (e cultural) que em

Portugal começou ainda antes da 1.^a Guerra e se prolongou até bem depois de 1945. Merece a nossa apreciação a nova geração de químicos formados nos anos 1960 e princípios de 1970 que tiveram a coragem de relançar, já depois de 1974, a Sociedade Portuguesa de Química, agora de novo só, com a Física autonomizada qual filho adolescente. Se Ferreira da Silva é reconhecido como a alma da sua criação, a Alberto Romão Dias temos de agradecer o relançamento da sociedade. Tal como aconteceu em 1911, ele soube reunir à sua volta toda uma nova geração que tem cooperado e assumido responsabilidades diversas para chegarmos aos 90 anos como a maior sociedade científica portuguesa, com congressos científicos regulares que congregam anualmente até 2000 químicos, com um boletim (Quí-